



## IV Seminário de Artes Digitais

# ANAIS DO IV SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS

Coordenação da edição: Pablo Gobira

Coordenação de Grupos de Trabalho: Cássia Macieira; Cátia Rodrigues Barbosa; Pablo Gobira; Renata Baracho Porto; Rogério Barbosa da Silva; Wagner Moreira

Organização:



Apoiadores em rede:



2018. Todos os direitos reservados aos autores dos trabalhos aqui publicados.  
Recomenda-se, em caso de nova publicação, mencionar a presença do artigo neste volume.

O uso das imagens presentes nos artigos deste volume é de responsabilidade dos respectivos autores.

S471a Seminário de Artes Digitais (4. : 2018 : Belo Horizonte, MG)  
Anais do IV Seminário de Artes Digitais (SAD) 2018 [recurso eletrônico] / Organização Pablo Gobira e Equipe LabFront. – Dados eletrônicos. – Belo Horizonte : EdUEMG, 2018.

Tema central: “Recorrências e hibridações”

Recurso eletrônico: e-Book  
Modo de acesso: <<http://eduemg.uemg.br/catalogo.php>>

Inclui bibliografia.  
ISBN 978-85-5478-016-6

1. Arte. 2. Ciência e Tecnologia. 3. Tecnologia Digital. 4. Arte digital. I. Universidade do Estado de Minas Gerais. II. Gobira, Pablo. III. Título.

CDU 7:004

## **INTERAÇÕES ENTRE IMAGEM, SOM, CORPO E AMBIENTE NAS INSTALAÇÕES *CONVERGÊNCIAS E MODULAÇÕES***

**Doutora Alessandra Lucia Bochio (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)  
Doutor Felipe Merker Castellani (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)**

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho consiste em uma análise de *Convergências e Modulações*, instalações audiovisuais desenvolvidas por nós. O texto enfoca as interações entre diferentes práticas artísticas e entre imagem, som, corpo e ambiente instalativo. Para melhor compreender o campo problemático colocado em questão nas instalações recorreremos às noções de generalidade do vídeo<sup>1</sup> e de dispositivo artístico<sup>2</sup>.

A generalidade do vídeo diz respeito a uma imagem que se adere muito facilmente a manifestações artísticas diversas; esta somente é compreendida e definida a partir das relações que estabelece com outros meios de expressão, materiais, práticas artísticas, com o espaço e com o público. Trata-se aqui de reconhecer o vídeo como um meio descentralizado, que expande as suas especificidades em direção a outros meios e práticas artísticas.

Tal reflexão aponta para a possibilidade de criação da imagem fora do âmbito do objeto, mas inserida em articulações espaçotemporais. Isso quer dizer que o fim da imagem não está mais nela mesma, na medida em que esta se desmaterializa e se dispersa em articulações conceituais, ambientais e interativas, dialogando com o público, com o espaço arquitetônico e com os demais componentes presentes nas produções artísticas.

Sob esta ótica, admite-se que a obra se apresenta como um conjunto de elementos heterogêneos inter-relacionados, e por conseguinte como o conjunto global dessas relações. Desenha-se, assim, uma interdependência mútua, na qual cada elemento não é definido individualmente, mas pelo modo como está conectado aos outros. O conjunto resultante não é apenas a soma de todas as partes, mas também o produto da reunião de cada material, meio ou prática artística que interage e se relaciona a partir de sua posição específica dentro da obra. Chamamos esse conjunto de interações de dispositivo artístico.

Por meio do recorte das noções de generalidade do vídeo e de dispositivo artístico, abordaremos as instalações *Convergências e Modulações* como uma rede de operações artísticas, processos comunicacionais, meios e materiais que se desdobram tanto em seus processos de construção, quanto a cada nova estratégia de ativação. Criadas de maneira coletiva e colaborativa, tais instalações nos conduzem às hibridizações e à reunião entre elementos de natureza diversa.

A pergunta principal que move o presente trabalho é: sob que circunstância as interações entre práticas artísticas e entre imagem, som, corpo e ambiente produzem hoje novas qualidades sensoriais e procedimentos artísticos?

Parte-se da ideia de que não se pode discutir hoje a interação entre meios e práticas artísticas em manifestações expressivas contemporâneas fora do âmbito da mobilidade processual (propiciada principalmente pelas novas mídias) e da criação coletiva e colaborativa.

---

1 Sobre o conceito de generalidade do vídeo ver: BOCHIO, 2015, pp. 166-167 e BOCHIO, CASTELLANI, 2017, pp. 138-140.

2 Sobre a noção de dispositivo artístico ver: CASTELLANI, 2016, pp 35-59 e CASTELLANI, 2014.

## CONVERGÊNCIAS E MODULAÇÕES: IM-PERMANÊNCIAS

*Im-permanências* consiste em uma série de instalações audiovisuais idealizadas e desenvolvidas por nós. Atualmente fazem parte da série: *Modulações*, contemplada pelo Concurso Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo (CCSP) 2016 e *Convergências*, desenvolvida durante nossa residência artística no LabMIS (SP). Ambas as obras contaram com a colaboração artística de Felipe Neves e Lucas Lespier e orientação conceitual de Christine Greiner e Silvio Ferraz.

As instalações que compõem a série se configuram como ambientes imersivos nos quais corpo, imagem e som se inter-relacionam de diferentes formas. Os trabalhos são compostos por bancos de imagens e de sons que são combinados dinamicamente por meio de um programa computacional. As imagens são projetadas no chão dos espaços, sobre camadas de pedras de jardim. Ao deslocar-se pelo ambiente, os participantes ao mesmo tempo em que fazem parte das imagens, se posicionando dentro delas, geram uma resultante sonora, a qual dialoga com os fragmentos e texturas musicais difundidas nos ambientes. Além disso, no caso de *Modulações*, traços do processo de elaboração imagética são apresentados na forma de imagens *still* do material videográfico, impressas e expostas como fotografias no espaço expositivo.

O ponto central de *Im-permanências* é a busca por uma outra temporalidade, diferente desta na qual estamos imersos nos dias atuais e que nos compele a reagir, trabalhar e produzir incessantemente. Esse outro tempo, ou melhor, essa tentativa de construir uma espécie de *rallentando* busca apontar para um outro espaço possível, um espaço de resistência a aceleração perceptiva que afeta nossos corpos cotidianamente.

Além de uma instalação audiovisual concebida por nós, *Modulações* se propôs ainda enquanto um local de encontro entre diferentes práticas artísticas. Alguns artistas de diferentes áreas foram convidados a se apropriar da obra, revelando outras possibilidades de configuração do espaço instalativo.

As intervenções de *Modulações* ocorreram: em novembro de 2016, com a interferência da performer e bailarina Leticia Sekito, que revelou uma série de modulações e acoplamentos possíveis ao corpo no ambiente: corpo-dança, corpo-pedra, corpo-vídeo, corpo-fotografia, corpo-sonoridade, corpo-arquitetura e corpo-público<sup>3</sup>; em dezembro de 2016, com as proposições *The Witness* (1989) e de *The Heart Chant* (2001), ambas da compositora e improvisadora norte-americana Pauline Oliveiros, por meio das quais se estabeleceu um percurso de escutas múltiplas realizado pelos(as) artistas Alessandra Bochio, Alexandre Marino, Bruno Hiss, Deco Nascimento, Felipe Merker Castellani, Manuel Pessoa, Ricardo Garcia e Vitor Kisil; em março de 2017, com a intervenção *Outro*, na qual Talita Florêncio e Thiago Salas propuseram novos sentidos e conexões para os elementos presentes em *Modulações*<sup>4</sup> e com a intervenção dos artistas Alessandra Bochio, Felipe Merker Castellani, Letícia Sekito, Manuel Pessoa e Rogério Costa, que apresentaram diferentes configurações possíveis para o ambiente instalativo, geradas por meio de estratégias improvisatórias de criação em tempo real<sup>5</sup>. Esta última intervenção foi seguida por uma conversa aberta com os artistas e pesquisadores Branca de Oliveira e Marcus Bastos acerca de suas reflexões sobre as práticas audiovisuais atuais.

Embora efêmeras e transitórias tais intervenções geram instabilidades nas relações entre os componentes de *Modulações*, provocando novas dinâmicas que transformaram o fluxo temporal do trabalho e sua própria recepção.

3 Alguns excertos da intervenção de Leticia Sekito na instalação *Modulações* podem ser visualizados no seguinte endereço da web: <https://www.youtube.com/watch?v=MdP8cLwjUDs>

4 Alguns excertos da intervenção *Outro*, realizada por Talita Florêncio e Thiago Salas na instalação *Modulações*, podem ser visualizados no seguinte endereço da web: <http://leviatã.com/outro/>

5 Alguns excertos da intervenção realizada pelos os artistas Alessandra Bochio, Felipe Merker Castellani, Letícia Sekito, Manuel Pessoa e Rogério Costa na instalação *Modulações*, podem ser visualizados no seguinte endereço da web: <https://www.youtube.com/watch?v=7dYDkxFI5go&t=2s>



Figura 1 - Ambientes instalativos de Convergência (2017). Fonte: acervo pessoal. Fotografia de Alessandra Bochio



Figura 2 - Ambientes instalativos de *Modulações* (2016). Fonte: acervo pessoal. Fotografia de Alessandra Bochio



Figura 3 - Intervenção em Modulações dos artistas Alessandra Bochio, Felipe Merker Castellani, Letícia Sekito, Manuel Pessoa e Rogério Costa (2017). Fonte: acervo pessoal. Fotografia de Lucas Lespier e Felipe Neves.



Figura 4 - Intervenção Outro de Talita Florêncio e Thiago Salas (2017). Fonte: acervo pessoal. Fotografia de Iago Mati



Figura 5 - Intervenção em Modulações da artista Leticia Sekito (2016). Fonte: acervo pessoal. Fotografia de Alessandra Bochio.

## **GENERALIDADE DO VÍDEO E OS DISPOSITIVOS ARTÍSTICOS DE *CONVERGÊNCIAS* E *MODULAÇÕES***

Em um primeiro momento, a noção de generalidade do vídeo é percebida pela própria constituição material – ou imaterial – do vídeo, que é específica dos meios eletrônicos. O vídeo nasce da retroalimentação entre a câmera e o monitor receptor, sendo que, muitas vezes, dispensa a necessidade dos recursos de gravação do som e da imagem. No vídeo analógico, o sinal viaja vertical e horizontalmente para a construção e reconstrução de imagens e sons graças às potencialidades do meio eletrônico, que permite o processamento de sinais para a criação e a manipulação de efeitos visuais e sonoros diretamente sobre o receptor de vídeo no momento mesmo de sua criação. Na passagem do vídeo analógico para o digital, tais possibilidades são ainda potencializadas pela interferência na própria matriz numérica das imagens. O vídeo, assim, não possui um lugar fixo ou um cenário determinado para a sua produção, transmissão e exibição, podendo surgir a partir de suportes diversos. O vídeo evoca, com isso, diversas opções de visualidade e criação; deixa de ser propriamente uma imagem, para tornar-se um imaginário, no sentido em que aponta para uma multiplicidade nos modos pelos quais a imagem é presentificada.

Em segundo lugar, o exame da generalidade do vídeo passa pela impossibilidade de definir a identidade e especificidade do vídeo. Dubois (2004), ao buscar traçar a identidade do vídeo, não vê uma resposta fundada e pensável à questão “o que é vídeo?” e propõe que o compreendemos enquanto essencialmente estado, situado entre duas instâncias simultâneas: ao mesmo tempo que chamamos de vídeo um conjunto de trabalhos que o posicionam enquanto imagem, reconhecemos o vídeo associado a outras práticas artísticas, sendo definido em relação a elas.

O vídeo se mostra, assim, como o lugar das flutuações (DUBOIS, 2004), nos conduzindo primeiramente aos processos de hibridizações e de expansão. A noção de generalidade do vídeo nasce do entendimento de que o vídeo é apenas compreendido nas relações que estabelece com outros meios, materiais e práticas artísticas. Neste contexto, também lançamos mão da noção de dispositivo artístico, que nos auxilia a refletir sobre o modo como o vídeo se apresenta nas produções contemporâneas.

*Modulações e Convergências* se apresentam como um conjunto de operações e processos artísticos que se des-

dobram a cada nova estratégia de presentificação, provocando, com isso, transformações nos modos de compreensão dos relacionamentos entre meios de expressão e práticas artísticas. Sob esse ponto de vista, as instalações reorganizam o trânsito entre as conexões e os relacionamentos entre imagem, som, corpo e ambiente, na medida em que sugerem um lugar na criação artística, onde o todo é móvel, efêmero e transitório. O seu sentido se dá por provocar estados provisórios, que são constantemente articulados e rearticulados, tanto pelas intervenções em *Modulações*, quanto pela própria percepção do público.

Para analisar as instalações a partir da noção de dispositivo, primeiramente identificaremos os meios de expressão artística colocados em questão, para então, observar as operações que constituem as interações entre esses meios.

Os meios expressão artística presentes tanto em *Modulações*, quanto em *Convergências* são os meios visual e sonoro. Cada um deles possui alguns elementos que os compõem. No caso do meio sonoro, há a presença de amostras sonoras de origens distintas: de instrumentos acústicos (flautas, clarinetes, contrabaixo, piano preparado etc.), de instrumentos eletrônicos (sintetizadores analógicos) e de ações específicas (caminhar sobre um chão coberto com pedras ou movimentar a agulha de um toca-discos). Tais amostras passaram por tratamentos digitais (*delay*, filtragens, alteração de altura e velocidade de reprodução, dentre outros), objetivando a constituição de texturas sonoras complexas, nas quais não é possível a distinção de suas fontes originais. Com isso, buscamos mergulhar o ouvinte nos detalhes intrínsecos de cada materialidade sonora apresentada no fluxo temporal.

No caso do meio visual, as imagens podem ser divididas em dois grupos: imagens de manipulações de objetos cotidianos (tramas de tecido, miçangas, espelho, linha e agulha etc.) e imagens capturadas em meio a deslocamentos pela cidade de São Paulo. Essas últimas são imagens de solos, que por vezes estão cobertos por pedras, ou então, neles, sobressaem alguns objetos (pedaços de ferro, tecido, galhos de árvores ou folhas). Assim como no meio sonoro, o que se pretendeu foi criar texturas visuais complexas a partir das imagens capturadas e de seus subsequentes processamentos digitais. Em tais imagens, ora deixam-se revelar suas características figurativas, ora propõem-se um mergulho em seus aspectos materiais: diferenças de cores, alternâncias e sobreposições de velocidades, jogos espaciais e de densidades.

Passamos então para a análise das operações que constituem as interações entre esses os meios visual e sonoro das instalações *Convergências* e *Modulações*. O primeiro nível de interação é o formal. As imagens e os sons são divididos em dois grupos: 1) formado pelas imagens de solos e por sons graves – estes últimos produzidos, em sua maioria, por meio do tratamento computacional de amostras sonoras extraídas da manipulação da agulha do toca-discos e do caminhar sobre as pedras – e; 2) formado pelas imagens de manipulações de objetos cotidianos e pelas texturas sonoras produzidas por meio das amostras de sons instrumentais (acústicos e eletrônicos). Por meio de um algoritmo computacional, desenvolvido por nós, ambos os grupos se alternam no fluxo temporal das instalações. O objetivo de tais operações permutatórias foi dissolver as noções de sucessão e de encadeamento de eventos no fluxo temporal e criar um ambiente semelhante a um móvel, no qual a cada novo olhar, a cada novo instante, notamos novas possibilidades de configuração espaçotemporal. Convém mencionar o que Silvio Ferraz aponta a respeito de tais processos permutatórios: “a sucessão, aquela que nos garantia um antes e um depois foi assim sendo desfeita, traída, enganada, não apenas pela repetição incessante, mas também pela alternância incessante, onde antes e depois perdem suas razões” (FERRAZ, 2016)<sup>6</sup>.

O segundo nível de interação, agora entre imagem, som, corpo e ambiente ocorre a partir da escolha do suporte de projeção, o chão coberto de pedras brancas de jardim. As imagens ali projetadas ganham volume, espessura e taticidade, esta última já sugerida nas manipulações dos objetos presentes em algumas imagens. O público é convidado a caminhar sobre as pedras e a percebê-las em seus pés, colocando-se dentro da imagem e produzindo sons a partir do seu deslocamento pelo espaço. Esses sons são somados aqueles projetados no ambiente por meio de alto-falantes, criando novas camadas sonoras singulares. Conforme Christine Greiner, “a composição das pedras sugere uma gramática particular com dimensões variadas que partem de grandes blocos, até pequenos fragmentos, nos quais tudo parece se diluir em areia e deserto.” (GREINER, 2016)<sup>7</sup>. Assim, imagem, som, corpo e ambiente encontram um denominador comum, a partir do qual podem revelar e desdobrar suas próprias consistências.

6 Texto escrito pelo autor como parte do processo de orientação conceitual de *Convergências*.

7 Texto escrito pela autora como parte do processo de orientação conceitual de *Convergências*.





Figura 6 - Imagens projetadas no ambiente instalativo de Convergências. Fonte: acervo pessoal.  
Fotografia de Alessandra Bochio



Figura 7 - Imagens projetadas no ambiente instalativo de Modulações. Fonte: acervo pessoal. Fotografia de Alessandra Bochio

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao evocar as interações entre visão, tato e escuta entramos em um campo problemático no qual a criação artística é pensada a partir de um todo interligado, como uma rede de relações entre diferentes meios de expressão e sensações que não cessam de se conectar e se reconectar. Diana Domingues ao tratar das instalações multimídia, define a sinestesia como “associações espontâneas, e que variam conforme os indivíduos, entre sensações de natureza diferente que, relacionadas, parecem se sugerir umas às outras evocando o sentido” (DOMINGUES, 1992, p. 2). Neste contexto, os diferentes estímulos sensoriais se encontram em um estado de contínua contaminação entre si. Outro aspecto interessante a ser levantado, característico das instalações multimídia, é a convivência de meios materiais (objetos, pinturas, desenhos) e imateriais (imagens e sons eletrônicos ou pré-gravados), os quais somam-se e colocam em evidência suas diferenças em um mesmo espaço. Embora em campo problemático distinto daquele das instalações multimídia referidas por Domingues, *Im-permanências* dialoga diretamente com esses dois aspectos, colocando em questão tanto a criação de situações sinestésicas, quanto a convivência entre o material e o imaterial.

## REFERÊNCIAS

- BOCHIO, Alessandra Lucia. *Entre meios: convergência audiovisual*. São Paulo: ECA-USP, Tese de doutorado, 2015.
- BOCHIO, Alessandra Lucia; CASTELLANI, Felipe Merker. Paisagens fluidas: sobre a noção de dispositivo e a abordagem das extremidades. In: MELLO, Christine. *Extremidades: experimentos críticos – redes audiovisuais, cinema, performance, arte contemporânea*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017, pp. 136-163.
- CASTELLANI, Felipe Merker. *Corpo-imagem-som: a criação musical e suas conexões*. Campinas: UNICAMP, Tese de doutorado, 2016.
- DOMINGUES, Diana. As instalações multimídia como espaços de dados em sinestesia. In: FECHINE, Y., OLIVEIRA, A. (Orgs.). *Imagens Técnicas*. São Paulo: Hacker, 1998. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/ap858/AXILA/pagdianadomingues.html>. Último acesso em 15/03/2015.
- DUBOIS, Philippe. *Cinema, vídeo, Godard*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- FERRAZ, Silvio. *Convergências*. São Paulo: LABMIS, 2016.
- GREINER, Christine. *Corpo de carne. Corpo de pedra. Corpo de luz*. São Paulo: LABMIS, 2016.